

"Importa produzir ao máximo géneros alimentícios e não consumir deles cada qual senão o estritamente necessário" in O Século (3 Abril 1946)

Source: O Século. 03.04.1946, n° 22996; Ano 66. Lisboa.

Copyright: All rights of reproduction, public communication, adaptation, distribution or dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.

The documents available on this Web site are the exclusive property of their authors or right holders.

Requests for authorisation are to be addressed to the authors or right holders concerned.

Further information may be obtained by referring to the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL:

[http://www.cvce.eu/obj/"importa_produzir_ao_maximo_generos_alimenticios_e_ao_consumir_deles_cada_qual_senao_o_estritamente_necessario"_in_o_seculo_3_abril_1946-pt-f9e67d44-26af-4121-b3a3-42740b32599e.html](http://www.cvce.eu/obj/)

Publication date: 19/09/2012

"Importa produzir ao máximo géneros alimentícios e não consumir deles cada qual senão o estritamente necessário" - escreveu o Chefe do Governo num apelo aos Portugueses sobre a crise alimentar do Mundo

O Embaixador de Inglaterra transmitiu ao Governo um apelo do seu Ministro dos negócios Estrangeiros no sentido de nos interessar numa campanha mundial destinada a convencer da extrema necessidade de elevar ao máximo a produção de alimentos e de reduzir no possível o seu consumo. Antecipando-se um pouco, já o Sr. Embaixador fizera à imprensa, em 3 de Março, minuciosa exposição sobre o assunto, a que os jornais se referiram largamente em 5 daquele mês. Por sua parte o Sr. Bevin no seu apelo perfilhava e sublinhava afinal a resolução adoptada pela última assembleia geral das Nações Unidas. Neste momento, também a convite do Governo Britânico, encontram-se em Londres os Ministros responsáveis pelos problemas da alimentação na Europa, a fim de trocarem todas as informações úteis e tomarem as suas deliberações.

A simultaneidade ou sucessão a curto prazo de votos e de resoluções de tão altas entidades nasce de se verificar a insuficiência de alimentos disponíveis para os habitantes de vastas áreas do globo, especialmente da Europa e da Ásia — ou seja que nos próximo dezoito meses, correspondentes a dois ciclos completos de cultura, será precário o abastecimento das populações e no seio de muitas haverá mesmo a fome, com todos os seus horrores. Ainda que o ano agrícola venha a ser melhor que os pretendentes, a situação não sofrerá mudança radical, visto que a regularidade de abastecimento no Mundo não exige só quantidades suficientes para o consumo, mas a existência de reservas que permitam uma boa distribuição. Ora as poucas reservas existentes estarão consumidas ao começar o ano agrícola de 1946-1947 e a falta de adubos, a restrição de áreas cultivadas, a anarquia, escassez e baixo rendimento do trabalho provocados pela transferência em massa de populações e a sua deficiente alimentação não permitem esperar para as próximas colheitas a fartura dos anos normais.

Vê-se que o problema tem aspectos políticos e económicos da maior importância e que a sua solução dependerá afinal mais de aqueles poderem ser encarados a sério do que dos mais sinceros e fervorosos apelos. Mas a situação é tal que nada se pode preterir ou desprezar e em cada país as “gotas de boa vontade” ajudarão, directa ou indirectamente, o caudal que abastece o Mundo.

Desfeita a ilusão de que haviam de terminar com a guerra as privações, teremos de retomar a orientação no princípio dela impressa à nossa economia, pois se mantém — e de facto até se agravou — a necessidade de *produzir e poupar*. Nas actuais circunstâncias, e embora isso deva ser tomado em conta pelos dirigentes, não é o cálculo do custo ou do preço do produto, para quem haja de produzir, nem as possibilidades de gastar, para quem consome, que têm de ser tidos em maior conta. O que importa é produzir ao máximo géneros alimentícios e não consumir deles, cada qual, senão o estritamente necessário.

Nós temos feito um esforço, por vezes heróico, para não deixar inculto um palmo de terra e para aumentar a produção total. Pretende-se que não se afrouxe nesta luta e se force a terra ao máximo das suas possibilidades. Avança-se que pode não ser, e geralmente não é, uma operação lucrativa; mas é sem dúvida colaborar meritoriamente numa, obra de solidariedade. Importa ainda economizar os géneros, sobretudo não os desviando da alimentação humana. Aqueles que por motivos vários têm já a sua alimentação reduzida e pobre não poderão talvez fazer muito neste sentido, porque acima de tudo lhes importa conservar a sua força ou capacidade de trabalho. Mas há entre nós vastas classes da população que podem a si próprias impor-se como dever nada desperdiçar, nada consumir além do estritamente necessário ao seu sustento. Leio no apelo do Secretário de Estado britânico para os Negócios Estrangeiros esta frase: “faça sentir que o desperdício é um pecado”. Eu não quero fugir a crer que também à nossa consciência cristã se pode falar a mesma linguagem. Quando milhões de pessoas estão em perigo de morrer de fome, sem culpa, é certamente grave não ter presente a cada momento como o nosso supérfluo pode ser o necessário para outros e os nossos desperdícios a vida de muitos homens. Neste aspecto o problema transcende mesmo a economia e a política; situa-se hoje no plano da humanidade.

O Governo entendeu que me competia a mim pessoalmente sublinhar o apelo alheio e dirigir o nosso próprio aos portugueses de boa vontade. Confio em que a imprensa o fará chegar a toda a parte, reforçando-o e ilustrando-o com as suas razões, e espero que todos os que dispõem de uma fracção de autoridade, mesmo só

moral, se façam os arautos desta nova cruzada. Demais, não se nos pede que cedamos gratuitamente os nossos bens, mas que tentemos bastar-nos a nós próprios, para não pesarmos por nossa parte sobre os mercados abastecedores, e, se pudermos, ajudemos a arrancar os outros homens à miséria e à fome, com um pouco mais do nosso trabalho e cuidados e com a nossa temperança. Se o sentimento de solidariedade humana vive no nosso espírito, dêmos agora e mais uma vez a prova de que é capaz de inspirar os nossos actos de cada dia, como tem inspirado a política da Nação.

O PRESIDENTE DO CONSELHO